

# 23 Eram líderes, foram autênticos... estão fora do plenário

Se perguntarem a qualquer observador mais atento dos trabalhos do Congresso quem é o líder da oposição hoje, a mais provável resposta é Euclides Scalco. Na verdade, não existe hoje formalmente um líder da oposição. Pelos regimentos em vigor, para que isso acontecesse seria preciso que os líderes das bancadas oposicionistas abrissem mão de sua independência e de suas prerrogativas para fundi-las em um só bloco. Na prática, porém, Scalco deixou de ser apenas líder do PSDB na Câmara para tornar-se o grande articulador de todas as iniciativas oposicionistas. Isso, porém, apenas até 1º de fevereiro.

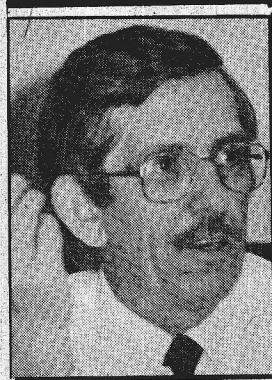
Desde junho já se sabia que Scalco deixaria o Congresso. Ele poderia candidatar-se à reeleição, mas terminou por aceitar a indicação para ser o vice-governador na chapa do senador José Richa, franco favorito na sucessão paranaense. Em nenhum momento Scalco deixou de demonstrar que essa alternativa não o entusiasmava. Toda a sua equipe sabe que, por gosto, ele jamais deixaria o Congresso, onde se sente à vontade e onde demonstra eficiência vinte e quatro horas por dia.

Foi após as cassações do AI-5 que Euclides Scalco, até então um obscuro político da região de Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná, surgiu como o grande reorganizador do MDB no seu estado. Para firmar o partido ele chegou a abrir mão de uma eleição tranquila para a Assembléia ou a Câmara, ficando como suplente na surpreendente campanha de Leite Chaves ao Senado, em 1974. Só quatro anos depois chegaria à Câmara, integrando-se à ala esquerda do MDB.

Ligado à Igreja, reelegeu-se com facilidade em 1982 e 1986, tendo sido secretário de governo no Paraná — administração José Richa — e cotado para o Ministério da Saúde no começo da chamada Nova República. Foi aí que um gesto seu tornou-se profético.

Estava-se em 1988 e o PMDB não conseguia tomar uma posição a respeito do governo Sar-

ney, entrando assim no acelerado processo de desgaste que marcava toda a administração. A executiva do partido reuniu-se e, uma vez mais, adiou qualquer decisão. Euclides Scalco renunciou então ao cargo que ocupava, o de primeiro secretário, numa advertência: se o partido continuasse na **geléia geral**, amorfo e sem posições, caminharia rapidamente para a cisão e o declínio. A partir daí aprofundaram-se as divergências em nível nacional, agravando os problemas já existentes em nível regional. Pouco depois, quase toda a esquerda do partido criava o PSDB, o partido dos tucanos. Scalco seria seu secretário-geral e, depois, líder na Câmara.



**Formalmente, não há líder da Oposição no Congresso. Na prática, todo mundo sabe quem é esse líder: Euclides Scalco. Organizador do velho MDB, criador do PSDB, ele nem disputou a reeleição. Agora é uma incógnita a articulação dos oposicionistas**

Foi nessa função — ele já havia sido líder interino do PMDB na Constituinte e conhecia o ramo — que Scalco consolidou-se no primeiro plano da política nacional. No segundo turno das eleições presidenciais ele não subiu ao palanque de Lula, como outros integrantes da cúpula de seu partido, mas tão logo Collor tomou posse, a liderança do PSDB tornou-se o principal pólo de oposição. Scalco assumia uma função articuladora que o PT e o PDT não conseguiam, em função de seu dogmatismo. Foi assim que se conseguiu montar uma espécie de **frente de lideranças**, estendendo-se dos partidos comunistas até, em certos momentos, o PL de Guilherme Afif. Mais do que simples ação parlamentar, o trabalho de Scalco estendeu-se para fora do Congresso. Foi no

PSDB que se articularam, por exemplo, várias das ações judiciais contra medidas presidenciais. Scalco chegou a encontrar-se com o presidente Fernando Collor e mantém bom diálogo com seus líderes no Congresso. Mas até 1º de fevereiro será na liderança do PSDB que a oposição continuará a se acertar. Depois, ninguém sabe.

## SUPLÊNCIA

Assim como Scalco, o líder do PDT na Câmara, Doutel de Andrade, sabia que não retornaria à sua cadeira de deputado. Ele deixou de concorrer à reeleição para tornar-se suplente do senador eleito pelo Rio de Janeiro,

anos depois, ao lado de Leonel Brizola, de quem se tornara próximo quando participaram ambos da Frente Parlamentar Nacionalista.

Brizola esforçou-se por elegê-lo deputado federal pelo Rio de Janeiro — Doutel estava afastado de Santa Catarina havia tempo — mas ele ficou apenas como segundo suplente. Só assumiu a cadeira com o afastamento de titulares, após as eleições municipais de 1988. Brizola escolheu-o líder, preferindo confiar no velho amigo, um orador meio **demodé** embora parlamentar experiente e fiel ao chefe do partido.

Com a suplência de Darcy, porém, Doutel poderá ainda voltar ao Congresso num horizonte razoável. E que, eleito governador, Brizola fala em missões para o novo senador, provavelmente afastando-se do posto. Caso isso se confirme, Doutel poderá ser senador.

Outro integrante da velha Frente Parlamentar Nacionalista dos tempos de Jango, o deputado Fernando Santana, também não volta ao Congresso. No seu caso, a votação não deu. Assim, o Partido Comunista Brasileiro perde seu mais antigo representante.

Com 75 anos, completados há três dias, Fernando Santana fora deputado por dois mandatos até ser cassado em 1964, na primeira lista baixada pelos militares. O PCB estava na ilegalidade e só três parlamentares federais, eleitos nominalmente por outras legendas, assumiam de público sua condição de comunistas. Fernando Santana era um deles. Após a anistia, voltou ao Congresso em 1982, pelo PMDB. Só quatro anos depois, legalizado o PCB, é que se elegeria pelo partido em que militava havia décadas.

Desta vez chegou a pensar em nem disputar a reeleição. Inscrito, não se dedicou a fundo à campanha. Perdeu. O mesmo faria outro integrante histórico da esquerda baiana, o deputado Francisco Pinto. Derrotado em duas eleições municipais no seu feudo de Feira de Santana e desanimado, Chico Pinto não arre-

gaçou as mangas. Ele se tornou nacionalmente conhecido quando, **autêntico** do PMDB, condenou a presença do general ditador chileno Augusto Pinochet na posse de Geisel. Escapou da cassação pelo AI-5, mas perdeu o mandato do mesmo jeito: o governo o enquadrara na Lei de Segurança Nacional e Chico Pinto tornou-se o primeiro parlamentar brasileiro em 45 anos a cumprir pena de prisão por motivos políticos.

## PRESIDENTES

De uma só tacada, o Ceará deixou de eleger dois presidentes da Câmara, igualmente figuras históricas da Casa. Flávio Marcílio, ex-vice governador do estado, três vezes presidente da Câmara e candidato a vice-presidente da República na chapa de Paulo Maluf, não conseguiu votos suficientes para o que seria seu oitavo mandato federal. Em 1986, aliás, ele já deixara de reeleger-se por míseros quatro votos, ficando na primeira suplência. Só assumiria de novo a cadeira há poucos meses, com o afastamento de um titular para ocupar a diretoria do DNOCS.

Como presidente da Câmara, Flávio Marcílio não se limitou a uma política clientelista. Esboçou várias tentativas de restabelecer as prerrogativas do Congresso, mutilado pela legislação revolucionária. Seu prestígio na Casa levou Maluf a escolhê-lo para vice. Afinal, a eleição era indireta. Não deu. E Marcílio perdeu espaços desde então.

Seis anos após deixar a presidência da Câmara, o cargo foi ocupado por outro cearense, Paes de Andrade. Parlamentar há exatos 40 anos, ele aprendeu política na escola do sogro Martins Rodrigues, uma das mais capazes raposas pessedistas. Integrou também o **grupo autêntico**, tendo até escrito um livro sobre as cassações de mandato. Após um minucioso trabalho de anos, elegeu-se presidente da Câmara em 1988, sob acusações de clientelismo e de distribuição de mordomias, mas exerceu na Casa uma das mais austeras administrações que ela teve até hoje.